

<sup>1</sup> O projeto da compra assistida na Ilha da Pintada, no Bairro Arquipélago de Porto Alegre: O desabitatar de populações tradicionais das suas casas e as mudanças no relacionamento com o território

Cristian Camilo Polania Quijano UFRGS (Porto Alegre, RS)

## **Resumo**

O programa do governo “Minha casa, minha vida” que financia moradia popular e foi criado para assistir às populações principalmente do bairro arquipélago (que compreende os territórios da Ilha da Pintada, Ilha Mauá, Ilha Grande dos Marinheiros, Ilha das Flores e Ilha do Pavão) em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, que perderam suas casas na enchente de maio de 2024, permite a possibilidade de adquirir um imóvel de até R\$ 200 mil deixando a estrutura da casa habitada em não poucas situações por várias gerações na sua sorte e para ser demolida, se afastando ao mesmo tempo de um território caracterizado pela presença dos Rios Yacuí e Guaíba (com os constantes alagamentos que são parte do cotidiano em certas épocas), assim como de uma atividade pesqueira tradicional e um conglomerado de saberes, sentires e memórias que dão sentido ao habitar o arquipélago. O propósito da pesquisa é analisar o fenômeno da compra assistida e as transformações no relacionamento com o território e as moradias das famílias que fazem parte deste projeto pós-enchente, considerando as questões sobre o que significa desabitatar um território para comunidades tradicionalmente relacionadas com o mesmo.

**Palavras-chave:** Territorialidade, habitar, moradia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

## **LISTA DE FIGURAS E IMAGENS**

Figura 1: Localização do bairro Arquipélago no RS

Figura 2: Localização das ilhas no Delta do Jacuí.

## **SUMARIO**

1. Introdução
  - 1.1. Justificativa
  - 1.2. Caracterização do território
2. Metodologia
3. Referentes teóricos
4. Bibliografia

## 1. Introdução

O programa do governo “Minha casa, minha vida” que financia moradia popular e foi criado para assistir às populações principalmente do bairro arquipélago (Ilha da Pintada, Ilha Mauá, Ilha Grande dos Marinheiros, Ilha das Flores e Ilha do Pavão) em Porto Alegre, que perderam suas casas na enchente de maio de 2024, permite a possibilidade de adquirir um imóvel de até R\$ 200 mil deixando a estrutura da casa habitada em não poucas situações por várias gerações para ser demolida, se afastando ao mesmo tempo de um território caracterizado pela presença dos Rios Yacuí e Guaíba, assim como de uma atividade pesqueira tradicional e um conglomerado de saberes, sentires e memórias.

O propósito da presente dissertação é analisar o fenômeno da compra assistida, principalmente na zona entre a ilha da pintada e a Ilha Mauá, e as transformações no relacionamento com o território e as moradias das famílias que fazem parte deste projeto pós-enchente, considerando as questões sobre o que significa desabitar um território para comunidades tradicionalmente relacionadas com o mesmo. A pesquisa é principalmente de caráter qualitativo pelo qual se pretende fazer uso da Técnica de observação direta estruturada, mas procurando a possibilidade de construir uma observação participante. Assim como, por meio de entrevistas etnográficas e semi-estruturadas que possibilitem a abordagem de temáticas definidas previamente e relacionadas com os objetivos da pesquisa.

De maneira complementar, é possível também fazer uso do análise documental, principalmente no que tem a ver com o registro fotográfico das casas e dos bairros que foram parte ativa do território e que atualmente se encontram derrubados procurando a realidade e as dinâmicas de vida que consigam evidenciar. Finalmente, os referentes conceituais vão se dividir em dois principais: O habitar e o desabitar. Num primeiro momento, baseado em Doreen Massey (2020) na compreensão do espaço, não como algo dado, como uma superfície onde acontece a trama social, mas como um cenário relacional, ligada ao que Ingold (2000) menciona como a paisagem entendida como um processo vivo, formado pelas ações, memórias e trajetórias das pessoas ao longo do tempo. Assim, deixar um território implica não só mudar de moradia, mas romper relações práticas, afetivas e históricas que constituem o próprio modo de habitar. Desta forma, se pensa na pesca, os ciclos do rio e até as enchentes que são periódicas como partes do modo de vida dessas populações.

Por outra parte, as casas como estruturas de convivência familiar e de vizinha são elementos fundamentais, nesse sentido são importantes referentes como Janet Carsten (1995) no seu análise de parentesco e seu relacionamento com os espaços das casas e o Pierre Bourdieu (1977) na compreensão das casas desde a ordem simbólica e social. Por outro lado, no que tem a ver com “o desabitatar” referentes como Liisa Malkki (1995) pode ser de ajuda na compreensão do que implica passar de um lugar relacionado com uma forma de viver e ser no mundo para um outro talvez mais homogêneo, sem carga identitária.

### **1.1. Justificativa**

Considerando que o foco da pesquisa radica no fenômeno da compra assistida, principalmente na zona da Ilha Mauá, e as transformações no relacionamento com o território e as moradias das famílias que fazem parte deste projeto pôs-enchente, assim como, as questões sobre o que significa desabitatar um território para comunidades tradicionalmente relacionadas com o mesmo, o intuito do próximo documento é analisar em termos gerais o que tem sido pesquisado sobre o arquipélago, quais são os discursos mais relevantes, tentando da mesma forma um breve diálogo entre as categorias e os análises que tem sido primordiais para a compreensão do bairro arquipélago de Porto Alegre.

Desta forma é possível se aproximar a quatro elementos que na procura de literatura sobre o tema são os mais presentes: A visão ambiental, os elementos culturais (com foco nos relacionados a pesca, ervas, bruxaria), a resiliência a eventos climáticos e por último, embora sua presença seja mais reduzida, o tema dos reassentamentos no território do arquipélago.

O primeiro destes tem a ver com a visão ambiental e recolhe pesquisas realizadas no âmbito do olhar do arquipélago por meio da presença da Unidade de Conservação que faz parte da Reserva Natural Delta do Jacuí. É assim que segundo Leal e Machado (2016) a criação em 1976 por parte do estado desta Reserva Natural foi pensada meramente com objetivos de preservação ambiental, isolando a população que morava muito tempo atras no território, e começando uma visão destas como vilãs e responsáveis da degradação ambiental. (p.5). Aquilo coloca a população tradicional do arquipélago numa posição não só muito complexa, mas que não reconhece sua mera existência. Continuando estas leituras Nunes e Almeida (2010) nos seus análises da ocupação da população comentam

que com o percurso do tempo tem se acabado o espaço nas margens do rio e as ocupações tem se movimentado mais para o centro das ilhas, reconhecendo assim mesmo a falta de organização no planejamento desta ocupação assim como os efeitos ambientais provocados.

Nesta dimensionalidade das problemáticas ambientais os autores fazem uma relevância ao sentido das graves consequências e irreversibilidade presentes, considerando como a qualidade de vida das populações podem correr riscos. Finalmente, A breve aproximação neste apartado também desvelo alguns elementos que não tinham sido considerados até agora pelos autores na literatura mais relacionada com a questão ambiental. Isso seria a questão ambiental desde a ótica da antropologia. Nesse sentido, Devos (2007) traz um importante aporte no que ele dimensiona como a importância de pesquisar “as diferentes representações desses territórios e de suas águas conforme eles são vividos e pensados em diferentes escalas: ilha, arquipélago, bairro de periferia, reserva ambiental, bacia hidrográfica, região metropolitana, águas planetárias” (p.12). Essa seria a grande diferencia no que tem a ver com essa breve aproximação na literatura de foco ambiental onde o foco em várias ocasiões está relacionado com o atuar e a presença da população na reserva natural, pese a importância que tem o tema, se faz imprescindível ficar mais próximo também das representações do território, dos discursos.

Como modo de continuar essa ideia, no que tem a ver com o apartado cultural é bastante variada a literatura referente ao habitar o arquipélago, por sua parte De Souza (2014) faz uma diferenciação da população em três grupos principais “pescadores” (comunidade tradicional) “moradores de baixa renda” e “moradores de média e alta renda” (p.6). Aquela classificação é importante, entre muitas outras razões, devido a que num primeiro momento desvela que não existe uma homogeneidade no habitar o território, assim como, faz uma divisão que tem a ver com questões econômicas que é importante a ter em conta, e relaciona a questão econômica e o habitar tradicionalmente com representações sociais sobre o território.

Por outra parte, na pesquisa realizada apareceu uma constante de narrativas sobre bruxas e bruxarias, razão pela qual se acho importante mencionar no presente documento. Considerando também que o estudo do Ari (1998) não só menciona o universo discursivo relacionado com esse tema, mas também é ferramenta importante para conhecer as redes de vizinha, os relacionamentos entre os distintos personagens envolvidos nas acusações

de bruxaria (acusadores, acusados e vítimas), as fronteiras simbólicas e até essas raízes que vem de descendentes açorianos como primeiras populações no território, por mencionar alguns dos elementos abordados pelo autor.

Outro elemento interessante vinculado na análise não só de âmbito cultural, mas também racial no arquipélago, está relacionado com a presença de pesquisas sobre os quilombos nas diferentes ilhas do arquipélago de Porto Alegre. Desta forma De Souza (2015) faz um trabalho importante no reconhecimento de elementos que pareciam no ter até então muita relevância no discurso relacionado a arquipélago, mostrando assim, a importante pegada de povos negros nesses lugares e a história passada e recente no território. Outorgando mais uma dimensionalidade a um território plural.

Finalmente, neste apartado foi possível reconhecer também uma importante contribuição nos estudos de conhecimentos etnobotânicos, onde seu foco está relacionado no estudo das contribuições e o grau de conhecimento que tem a população das ilhas sobre elementos de ordem botânico, mas que finalmente ajuda a entender a importância da memória biocultural, reconhecer assim mesmo que, embora seja uma população majoritariamente pesqueira, aquilo, não quer dizer que não exista um forte conhecimento de outros elementos ligados. Todos estes elementos que se poderiam denominar mais de ordem cultural ajudam a reconhecer a pluralidade de vozes que habitam as ilhas do arquipélago. (Gasparotto, 2011)

Com respeito no que tem a ver a resiliência a eventos climáticos, é impossível desconhecer a grande carga que teve que afrontar a população destes territórios, não só na grande enchente de 2024, mas também nas enchentes periódicas, que constroem uma outra concepção e relacionamento com as águas, mesmo assim, deixa no seu passo uma tragédia ainda vivida no território. Os estudos de Ortigara e Bodas (2024) apresentam um foco na vulnerabilidade socioespacial e econômica que enfrenta a população, assim como a injustiça espacial da cidade de Porto Alegre, todos elementos que evidenciou a enchente de 2024. Considerando essas condições adversas estudos como os de Santos (2026) mostram como existe uma adaptação e resiliência construída por meio da mesma comunidade na falta de respostas estatais, como o caso da Ilha do Pavão, que é o estudo do autor.

Por último, é considerando o caso do estudo da presente pesquisa se tentou fazer uma aproximação no que tem a ver com os reassentamentos, analisar outros momentos

onde tem sido necessário fazer este tipo de dinâmicas. Foi assim que estudos como os de Ribeiro (2018) que estão baseados na construção da nova ponte do Guaíba e os reassentamento na Ilha grande dos Marinheiros, evidencia preocupações que também estão presentes nas aproximações ao objeto de pesquisa, tais como de que forma se está realizando o processo, quais são os locais destinados, quem são os responsáveis, etc.

Todas essas aproximações evidenciadas no presente escrito são fonte primordial na compreensão de um território tão complexo como o arquipélago de Porto Alegre, embora, para o assunto presente deixam algumas considerações a tratar e abordar aprofundando mais, é nesse sentido que considero que se encontra a justificativa da presente pesquisa. Num primeiro lugar, pela falta de literatura relacionada com o que significa desabitatar um território das características mencionadas, perguntar-se o que acontece quando uma população que convive com todos esses elementos mencionados, por distintas razões e até por escolha própria se vê afastada desses espaços. Existe uma falta de foco nessas pesquisas, entre muitas outras razões devido a que o fenômeno é muito recente. Antes não existia essa quantidade tão grande de população se movimentando para morar em outros lugares. Sendo assim, uma possibilidade para se focar neste elemento.

## **1.2. Caracterização do território**

O bairro Arquipélago localiza-se na zona oeste do município de Porto Alegre, sendo o único bairro da capital gaúcha formado exclusivamente por ilhas. Situado no delta onde convergem importantes cursos d'água do estado, o território encontra-se entre canais fluviais e áreas alagáveis que desembocam no Lago Guaíba. Essa configuração geográfica cria uma paisagem marcada pela presença constante da água, pela baixa altitude do terreno e pela conexão direta entre o espaço urbano e os ecossistemas naturais.

O Arquipélago é composto por diversas ilhas, entre elas a Ilha da Pintada, Ilha Grande dos Marinheiros e Ilha das Flores, e grande parte de sua área integra o Parque Estadual Delta do Jacuí, unidade de conservação ambiental de grande relevância ecológica. A região apresenta extensas áreas de banhados, vegetação nativa e elevada biodiversidade, características que conferem ao bairro um aspecto semi-rural, distinto da urbanização mais densa do restante da cidade. A dinâmica ambiental influencia

diretamente as formas de ocupação humana e o modo como as comunidades se relacionam com o território.

Do ponto de vista social e histórico, o bairro possui ocupação antiga vinculada a populações indígenas, comunidades negras e grupos tradicionais ligados à pesca e às atividades ribeirinhas. O cotidiano local é marcado por fortes vínculos comunitários e por modos de vida adaptados ao ambiente insular, incluindo o uso de embarcações, pontes e vias estreitas entre canais. Apesar de sua proximidade com o centro urbano, o Arquipélago apresenta desafios relacionados à infraestrutura urbana, acesso a serviços públicos e vulnerabilidade a enchentes, fatores que contribuem para sua singularidade dentro da estrutura territorial de Porto Alegre.

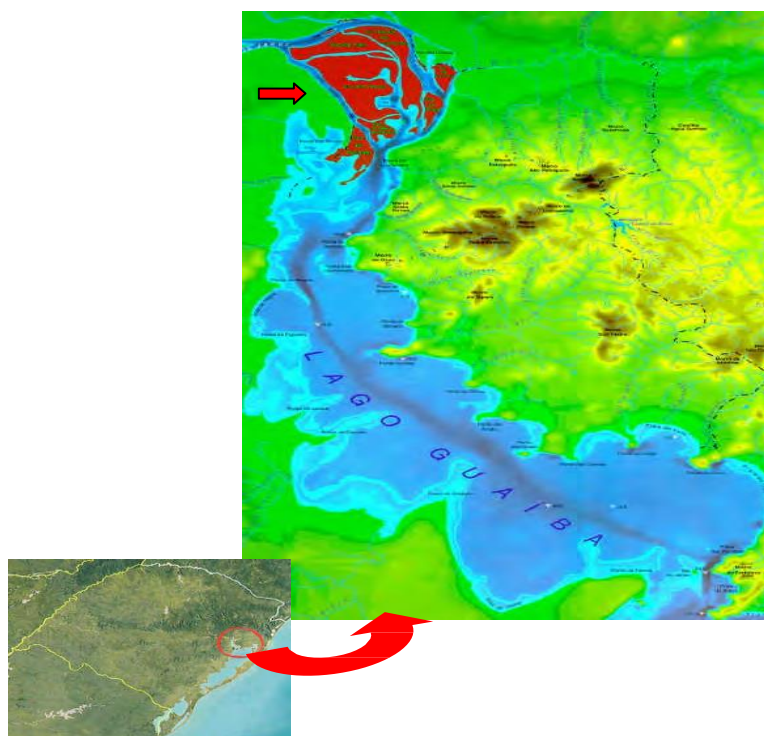


Figura 1. **Localização do bairro Arquipélago no Rio Grande do Sul** (fonte: Atlas Ambiental de Porto Alegre, 1998) Tomado de Devos, 2002)





Figura 2: Localização das ilhas no Delta do Jacuí. Fonte: Imagem de satélite disponibilizada pelo Google Earth

## 2. Metodología

As referências metodológicas que serão parte integral da presente pesquisa, principalmente a ideia é trabalhar em três blocos ou categorias: Num primeiro lugar o que vai ser denominado como a “cartografia afetiva e social do lugar” com os referentes teóricos dos trabalhos do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Num segundo momento vai se abordar a Etnografia da Cultura Material que tem a ver com a biografia dos objetos, sendo trabalhado por autores como o antropólogo indiano Arjun Appadurai e pelo antropólogo Igor Kopytoff. Finalmente o terceiro bloco é relacionado com a antropologia visual e documentação estética, principalmente fundamentado nas teorias do sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês Roland Barthes onde fala da categoria do “Punctum”, concluindo com algumas considerações éticas pensadas até este ponto do processo de pesquisa.

Num começo, no que tem a ver com os aportes do geógrafo Yi-Fu Tuan vale a pena se aproximar a categoria de Topofilia, que faz parte abrangente da concepção do espaço para o autor. Nesse sentido, Segundo Cissoto (2013) uma das características mais

importantes desse olhar é que “ênfatiza os aspectos subjetivos das relações humanas com o meio ambiente natural através do estudo da relação das pessoas com a natureza e dos seus sentimentos e ideias sobre os espaços” (p.1). É assim que é possível reconhecer qual seria o foco do autor no que tem a ver com o relacionamento do ser humano com o espaço que habita. Do mesmo jeito, se aprofundássemos na categoria de toponímia encontramos que, mesmo que tem situações, pessoas e populações que talvez não gerem esses relacionamentos tão estreitos, se o caso contrário, quando é “ativado ele tem o poder de elevar um lugar para tornar-se o portador de eventos emocionalmente carregados ou para ser percebido como um símbolo” (Cissoto, 2013, p.2)

Focados conceitualmente na categoria de toponímia e no olhar do espaço concebido pelo autor, uma das ferramentas metodológicas é a cartografia afetiva, um levantamento do espaço, tanto o espaço das casas derrubadas como o espaço próximo do que significa morar na beira do Guaíba ou mais próximo do Jacuí. A ideia proposta é fazer um processo de reconstrução das casas, desde diferentes jeitos, tanto o escrito, como diagramas ou de qualquer forma que consiga dar conta não só da distribuição dos espaços, que seria o elemento inicial, mas que aquelas descrições e levantamentos sejam reflexo mais de emocionalidades, os quartos dos diferentes familiares, a cozinha o pátio, todos carregados de um valor emocional grande, o espaço da mesma moradia próxima com o rio, são lugares de profundo significado.

Por outra parte, no relacionado com a biografia dos objetos, os referentes teóricos e metodológicos estão baseados nas abordagens feitas pelo antropólogo indiano Arjun Appadurai que menciona “this argument, which is elaborated in the text of this essay, justifies the conceit that commodities (and objects), like persons, have social lives” (p.2). Aquela ideia é bem importante devido a que, na perspectiva do presente trabalho, um dos olhares é compreender esses pedaços das casas, esses objetos que faziam parte de um lar, como dotados de vida social, com um significado profundo, uma compreensão que parte da ideia de não perceber eles como simples restos de uma casa derrubada. Todos eles, por pequenos que sejam tem suas histórias, mesmo que num primeiro momento não pudesse parecer.

Neste momento aparece o apartado referente as abordagens do antropólogo Igor Kopytoff quem tem uma categoria de análise interessante relacionada com o que seria a “biografia dos objetos”. Na sua consideração “in doing the biography of a Thing, one would ask questions similar to those one ask about people” (p.20). Quer dizer então que

no intuito de perceber os objetos como atravessados pela vida social, também tem que ser reconhecidos por meio das suas biografias, sua história na casa e no relacionamento com as pessoas que fizeram parte dessas moradias, acrescentando também o ideal de poder relacionar com o mesmo território.

Esse seria então o fundamento do segundo bloco, mas é vital se aproximar ao terceiro bloco do presente documento, que seria o relacionado com a fotografia e antropologia visual. Considerando que os objetos das casas e os mesmos restos tem sua biografia e vida social o objetivo é conseguir fazer uma proposta que de conta dessas mesmas histórias. Para isso, são importantes os aportes do Barthes relacionados com a fotografia, onde assegura no seu texto a câmara lúcida (1989) segundo Constantakos (2021) “al estatuto indicial de la fotografía como el instante de captura que la dota de un valor singular. Valor ligado al referente, pero no específicamente como una instancia mimética, sino como el trazo de una huella.” (p.7)

Nessa última parte vale a pena se deter um pouco, essa ideia de uma pegada, mais do que uma instancia para lembrar, um elemento estático que funciona só nos termos da memória, a fotografia pode desvelar rastros, pegadas relacionadas justamente com as categorias abordadas no segundo bloco. Desta forma a ideia está baseada na maneira na qual por meio de uma serie de fotografias se consiga ter aceso nesse universo da vida social das coisas, das suas biografias, se afastando de um olhar que concebe eles desde os simples objetos que ficaram depois das casas ser derrubadas.

Do mesmo jeito Constantakos (2021) menciona que “la fotografía no es la apariencia de un objeto otro, ni tampoco se relaciona con una transparencia que da acceso a una realidad, sino un dispositivo...donde tiene lugar un ausente que conecta una experiencia pasada con una presente” (p.8). É por isso fundamental vincular essas diferentes temporalidades, reconhecer o profundo trajeto de uma casa agora só por meio dessas pegadas, mas que dá para entender além desses rastros. Reconhecer metodologicamente também que a fotografia por se mesma funciona mais como um processo, não como um elemento fixo é ter a possibilidade de construir outros relatos, outras histórias.

Como últimos elementos no analise relacionado com o olhar do Barthes, é importante se referir a categoria de “Punctum”. Para Constantakos (2021) em termos do que propõe Barthes:

El punctum es un suplemento añadido a la foto, que no obstante ya estaba allí y forma parte de ella. Desde esta perspectiva, la foto no rememora o restituye, sino que testimonia lo que ha sido y ratifica lo que ella misma presenta en su función constatativa, y a la vez propositiva, de un tiempo y una presencia/ausencia, particularidades que la distinguen de otros modos o dispositivos visuales

A categoria do “Punctum” é interessante por que vem complexar a dinâmica do mesmo trabalho da fotografia, essa intencionalidade propositiva, assim como uma constatação de presenças e ausências vai ser muito importante nos termos de um trabalho com estas características, a ideia neste ponto é complexar por meio de diferentes visitas no espaço do trabalho de campo na Ilha da Pintada e Ilha de Mauá o exercício da fotografia, procurando se afastar como foi mencionado da imagem simples da casa derrubada, considerando o olhar do Barthes e as categorias expostas tanto no primeiro quanto no segundo bloco.

Uma intencionalidade posterior seria de realizar um levantamento fotográfico do material, considerando a fotografia como elemento fundamental do trabalho, longe de conceber o trabalho da imagem como um acompanhamento o apêndice da dissertação. Por isso o intuito final seria conseguir construir mostras fotográficas com ajuda da mesma população, entregar para eles e elas tudo esse material e concertar diferentes espaços de trabalho mancomunado com o objetivo de expandir e aumentar o conhecimento do que está acontecendo num território que esta ficando depois da enchente de 2024, cada vez mais isolado, com menos população, mostrar como a população que morou e ainda mora lá de tantas gerações não pode ser esquecida, faz parte fundamental da história da cidade.

Finalmente, considerando esses objetivos é também importante reconhecer os desafios e as questões éticas do trabalho antropológico usando como ponto de partida o Código de ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Algumas de essas considerações tem a ver com a responsabilidade minha como pesquisador de informar sempre de onde venho, quais são meus objetivos, o que se está fazendo com a informação e os depoimentos que estão sendo coletados. Um labor que até este ponto estou levando, sempre me apresentando como estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do mestrado do PPGAS e comentando brevemente algumas considerações importantes e

previas, no decorrer da pesquisa tem me aproximado no geral a bons tratos com meus interlocutores, mas também em alguns momentos é reconhecível como existem certas dinâmicas que para alguns deles podem ser cansativas.

Por exemplo, tive a oportunidade de conversar com uma família na Ilha da Pintada e eles me falaram de que tinha muito pesquisador de diferentes partes que vinham para conseguir algum tipo de informação e depois não voltavam ou eles não conseguiam ter acesso sobre o processo ou o que aconteceu finalmente com o material coletado. Por isso desde um começo o plano metodológico se propõe como trabalho compartilhado, não é somente uma experiência do pesquisador, reconhecendo além disso uma coautoria de ser o caso claramente. Talvez até este ponto meu maior desafio é reconhecer de que forma deixar um material na população da ilha, quais seriam as melhores ferramentas para sair da esfera da academia, por enquanto esses seriam os desafios e as questões que se tem planejado, com o objetivo de complexar na medida que seja trabalhado no campo

### **3. Referentes teóricos**

No que tem a ver com os conceitos centrais que fazem parte da análise do fenômeno mencionado anteriormente serão três elementos principais. Num primeiro momento o conceito de território, mas especificamente, a multiterritorialidade como é trabalhada pelo Rogerio Haesbert. Num segundo momento o conceito de topofilia trabalhado por Yi-Fu Tuan e finalmente a categoria de singularização que aborda o Igor Kopytoff como formas de compreender o espectro conceitual que vai ser trabalhado e se espera complexar no percurso da proposta de pesquisa.

Dessa forma considerando o primeiro elemento, vale a pena se aproximar ao conceito da multiterritorialidade. Para começar, é importante esclarecer o que seria o território para o autor inicialmente. Desta forma considera que nas suas características é que não pode ser reduzido apenas a uma dimensão física, estatal ou econômica. Ele deve ser compreendido como um híbrido indissociável entre o material (o poder político-econômico de controle que seria a propriedade por exemplo) e o imaterial (a apropriação simbólica e cultural). Nas suas palavras "O território deve ser concebido a partir da intrínseca articulação entre as dimensões material e imaterial, ou seja, como um bloco espaço-temporal que expressa sempre, simultaneamente, uma relação de poder (político-econômico) e uma relação de apropriação simbólica (cultural)." (HAESBAERT, 2004,

p. 4).

No contexto da sua pesquisa na Ilha Mauá, isso significa que o território daqueles moradores não se resume à posse legal da terra ou ao valor de mercado pago na compra assistida. O território ali é a junção do controle daquela faixa de terra contra as enchentes (material) com os laços de vizinhança, a pesca e os significados atribuídos ao Jacuí e ao Guaíba (simbólico). Não podem ser reduzidos a uma compra e um valor monetário, uma questão que é bem importante para analisar.

No que tem a ver com o conceito central da multiterritorialidade é importante considerar que ela expressa a condição contemporânea em que os sujeitos não pertencem mais a um único território fixo, mas experimentam e articulam múltiplos territórios simultaneamente, muitas vezes de forma descontínua ou em rede, que são dois categorias interessantes que fazem parte da multiterritorialidade. Como sugere Haesbert (2004) "não é simplesmente a existência de múltiplos territórios, mas a capacidade de experimentar, articular ou tensionar diferentes territórios ao mesmo tempo, reconstruindo o controle e a apropriação do espaço a partir de redes." (p. 9)

Considere um elemento de análise importante na medida em que no análise do projeto de pesquisa presente a multiterritorialidade se poderia manifestar nos contextos das famílias que foram embora da Ilha Mauá e Pintada e carregam o território afetivo e cultural da ilha em seus corpos, memórias e práticas, enquanto tentam se territorializar no novo lugar que muitas vezes é completamente diferente do que estavam acostumados. Elas passam a viver uma tensão multiterritorial: o território da ausência por assim dizer e o território da sobrevivência presente.

No segundo elemento de análise relacionado com a topofilia, Para Tuan, aquele conceito que vem do grego *topos* = lugar / *philia* = amor/afeto, não é um mero sentimento romântico ou uma preferência de gosto por uma paisagem. Ela é uma categoria teórica da abordagem humanista que define o relacionamento afetivo entre o ser humano e o meio ambiente. Desde seu ponto de vista "A topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difere amplamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta tátil e visual ao ambiente pode ser imediata e biológica, mas ganha permanência através do acúmulo de memórias e experiências culturais." (Tuan, 2012, p. 141)

O autor teoriza que a topofilia se desenvolve através da experiência acumulada, dos sentidos e da rotina. Aquele análise no campo específico, me fez pensar como o cheiro do rio, o som da água são elementos da rotina dos ilhéus e sua importante, assim

como a relação deles com o Arquipélago sendo constituída por uma carga de valores que ressignifica o próprio desastre natural: mesmo que o rio Jacuí ou o Guaíba tragam a enchente, a tofília explica por que a comunidade insiste em pertencer àquele lugar, pois a identidade deles depende dessa proximidade com a água. Uma característica que já foi em muitas ocasiões percebida nas aproximações no campo.

Por isso a questão do desabitar aparece como elemento importante de análise também, devido a que quando o estado implementa o projeto de compra assistida pós-enchente de 2024 e remove as famílias, ocorre uma fratura. A demolição das casas não destrói apenas paredes ou elementos materiais, ela arranca o físico onde o afeto estava ancorado. Desabitar o território significa, sob a ótica de Tuan, empurrar essas comunidades tradicionais para uma espécie de desorientação, pois nesses novos espaços que podem variar desde urbano, litorais ou outros não há a mesma presença sensorial e histórica que elas mantinham com as águas do arquipélago. Como menciona Tuan (1983) "O lugar é um centro de valores, um foco de cuidado e de apego afetivo. Perder o lugar é perder o próprio ponto de ancoragem no mundo, sofrendo uma ruptura na continuidade da própria identidade e da memória coletiva." (p.157)

Finalmente no relacionado com o terceiro elemento que está estreitamente vinculado com questões metodológicas e olhares sobre os objetos que ficam dessa materialidade das casas derrubadas, é importante se aproximar ao conceito da singularização como entendida Por Kopytoff, sendo um processo oposto à mercantilização. O autor explica que enquanto a mercantilização homogeneiza as coisas, reduzindo tudo a um valor de troca comum e monetário (onde tudo tem um preço e tudo é comparável), a singularização faz o caminho inverso: ela retira o objeto da esfera da troca de valor, tornando-o único e completamente carregado de história específica.

Nos seus termos "em todas as sociedades existe uma tensão real entre a mercantilização, como força homogeneizadora de valores de troca, e a singularização, como força que discrimina, torna único e retira as coisas da esfera comum da troca mercantil, conferindo-lhes um estatuto cultural ou sagrado específico." (KOPYTOFF, 2008, p. 76). Esta questão é bem interessante de analisar no que tem a ver com o campo específico onde é possível reconhecer uma disputa entre dois processos: Por um lado a mercantilização por parte do estado ou a prefeitura neste caso que atua como um agente homogeneizador. Ele olha para as casas da Ilha através de métricas Para a burocracia, a casa é um "imóvel" avaliado em um determinado valor monetário necessário para o repasse da compra assistida.

Em contrapartida, a singularização para as famílias ribeirinhas, aquela casa e os objetos que a compunham passaram por décadas de singularização. Todos esses espaços das casas, os espaços de vizinha, a mesma cotidianidade com o território mencionada na questão da toponímia faz com que se acumularam uma "biografia" que não é fácil de separar da história daquela família e da sua relação com o Jacuí e o Guaíba.

Adicionalmente é importante se aproximar ao que implica fazer ou compreender uma biografia destes objetos. Kopytoff, (2008) menciona "O que é significativo sobre essas biografias é que elas revelam uma ordem social e cultural subjacente. Ao acompanharmos a trajetória de uma coisa, percebemos como ela transita entre o estatuto de mercadoria intercambiável e o de objeto singularizado, carregado de significados biográficos intransferíveis." (p.89)

O autor propõe que, ao fazermos a biografia de um objeto, devemos fazer perguntas de caráter biográfico justamente, como se fosse uma experiência humana. De onde ele veio? Quem o fez? Como terminou a sua trajetória? Quando a compra assistida é efetuada e as casas são derrubadas, o que resta no terreno da Ilha não é "lixo de demolição" Sob a ótica da singularização, aqueles fragmentos são objetos singularizados são o rastro materializado de um lar.

A modo de conclusão, é válido dizer que a compra assistida nas Ilhas Mauá e Pintada tensiona essas três dimensões: o Estado opera através de uma lógica mais de caráter mercantil e homogeneizadora que tensiona a dimensão simbólica do território, mas a comunidade resiste ao acionar a toponímia esse elo afetivo e sensorial cultivado por gerações com as águas do Jacuí e do Guaíba que é possível de perceber e analisar por meio dessa singularização nos termos de Kopytoff, de seus objetos cotidianos, os quais deixam de ser só restos demolidos para virar fragmentos biográficos, funcionando como verdadeiros elementos identitários que lhes permitem articular a multiterritorialidade que vai ser analisada e complexada no decorrer do projeto.



#### **4. Bibliografia**

- Appadurai, Arjun. "La vida social de las cosas." (1991).
- Ari, P. (1998). Bruxas e bruxarias na Ilha da Pintada, Porto Alegre, RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bauer, M. A. L., & Carrion, R. da S. M. (2016). Conflitos na gestão social do território: Uma análise a partir da organização dos ilhéus em Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bourdieu, Pierre. "The Berber House". En: Algeria 1960. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.
- Caldeira, S. As potencialidades do estudo da imagem fotográfica na antropologia visual.
- Carrara, Sérgio et al. (orgs.). "Metodologia de projetos de pesquisa". In: —. Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010. Arquivo
- Carsten, Janet (ed.). About the House: Lévi-Strauss and Beyond. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- Cisotto, M. Resenha de Topofilia. Geograficidade.
- Código de ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) 2011/2012
- Constantakos, M. Entre el concepto de archivo y el estatuto de lo fotográfico. Walter Benjamin, Roland Barthes y Jacques Derrida, algunos cruces posibles para el análisis de prácticas artísticas contemporáneas. REVISTA DE ANTROPOLOGÍA VISUAL Servicio Nacional del Patrimonio Cultural Subdirección de Investigación Número 29 - Santiago, 2021 -1/18 pp.- ISSN 2452-5189
- Devos, R. V. (2007). A "questão ambiental" sob a ótica da antropologia dos grupos

urbanos nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Gasparotto, S (2011.). Etnoecologia e transformações na paisagem: Estudo sobre as práticas e os saberes relacionados aos recursos vegetais na Ilha da Pintada, Porto Alegre, RS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

-HAESBAERT, R. (2004). Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre. <https://www.editoracontexto.com.br/>

-Hirt, J. A. N., & Almeida, S. do C. D. (2010). Problemas ambientais gerados pela ocupação humana no bairro Arquipélago, município de Porto Alegre – RS, dentro dos limites da Área de Proteção Ambiental e Parque Estadual Delta do Jacuí. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Ingold, Tim. The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. Londres: Routledge, 2000.

- Katiucia, A. (2026). Adaptação e resiliência aos eventos extremos climáticos na Ilha do Pavão Porto Alegre/RS (Dissertação de mestrado).

- KOPYTOFF, I. (2008). A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In A. Appadurai (Org.), A vida social das coisas: mercadorias sob uma perspectiva cultural (pp. 65-101). Editora da UFF. <https://www.editora.uff.br/>

- Malkki, Liisa. “Refugees and Exile: From ‘Refugee Studies’ to the National Order of Things”. Annual Review of Anthropology, vol. 24, 1995, pp. 495–523.

- Massey, Doreen. For Space. Londres: Sage, 2005.

- Ortigara, A. M., & Terassi, P. M. B. (2024). Vulnerabilidade socioeconômica e a crise climática em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

- Rendon, M. The Social Life of Things.

- Ribeiro, L. (2018). Perspectivas de reassentamento e impactos à população atingida pela construção da nova ponte do Guaíba em Porto Alegre, RS.
- Souza, A. (2014). Morar e viver nas ilhas do Delta do Jacuí: Arquipélago de representações sociais em Porto Alegre-RS.
- Souza, A (2015). A presença de povos tradicionais de matrizes africanas no bairro Arquipélago: Existem quilombos nas ilhas de Porto Alegre?
- Tuan, Y. Espaço e lugar: A perspectiva da experiência. 1977
- TUAN, Y.-F. (2012). Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Editora da Eduel. <http://www.eduel.com.br/>